

ABORDAGENS INCLUSIVAS PARA SURDOCEGUEIRA NO AMBIENTE EDUCACIONAL SOB A PERSPECTIVA DE PROFESSORES DAS SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS

INCLUSIVE APPROACHES TO DEAFBLINDNESS IN THE EDUCATIONAL ENVIRONMENT FROM THE PERSPECTIVE OF MULTIFUNCTIONAL RESOURCE ROOM TEACHERS

Francieli Giza Barichello¹

Andreia Nakamura Bondezan²

RESUMO

Esta pesquisa aborda o ensino escolar de estudantes surdocegos, enfatizando a importância das práticas inclusivas e da formação dos professores no Atendimento Educacional Especializado (AEE). Apresenta o contexto da surdocegueira e os desafios enfrentados pelas instituições de ensino ao promover uma Educação Inclusiva. O objetivo é compreender quais são as abordagens inclusivas para atender às necessidades específicas desses estudantes, explorando metodologias, tipos de comunicação, adaptações curriculares e materiais didáticos adequados, na perspectiva de professores que atuam com estudantes surdocegos. Esta pesquisa justifica-se pela escassez de materiais e práticas direcionadas à surdocegueira, uma vez que a inclusão desses estudantes é relativamente nova nas escolas, gerando a necessidade de apoio e capacitação contínua dos profissionais envolvidos. A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa, descritiva e exploratória, envolvendo uma revisão bibliográfica sobre o tema e entrevistas semiestruturadas com professores bilíngues que atuam no AEE de estudantes surdocegos. A análise de dados buscou identificar as principais estratégias adotadas no cotidiano escolar, além da importância do trabalho colaborativo entre educadores e demais profissionais da escola. Conclui-se que a formação continuada é essencial para que os professores se adaptem às especificidades de cada estudante e para que o ambiente educacional seja realmente inclusivo. Ao integrar as melhores práticas pedagógicas e os recursos de acordo com o perfil do estudante, é possível melhorar o processo de ensino-aprendizagem e oferecer uma educação de qualidade que valorize a individualidade e o potencial dos estudantes surdocegos.

PALAVRAS-CHAVE: Surdocegueira. AEE. Abordagem inclusiva.

ABSTRACT

This research addresses the school education of deafblind students, emphasising the importance of inclusive practices and teacher training in Specialised Educational Assistance (SEA). It presents the context of deafblindness and the challenges faced by educational institutions in promoting inclusive education. The aim is to understand what the inclusive approaches are to meet the specific needs of these students, exploring methodologies, types of communication, curricular adaptations and appropriate teaching materials, from the perspective of teachers who work with deafblind students. This research is justified by the scarcity of materials and practices aimed at deafblindness, since the inclusion of these students is relatively new in schools, generating the need for support and continuous training for the professionals involved. The methodology

¹ Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), francieligiza@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-7341-8884>.

² Universidade Estadual do Paraná/Campo Mourão (UNESPAR), andreiabondezan76@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-3196-5940>.

used was qualitative, descriptive and exploratory, involving a literature review on the subject and semi-structured interviews with bilingual teachers who work in the SEA of deafblind students. Data analysis sought to identify the main strategies adopted in everyday school life, as well as the importance of collaborative work between educators and other school professionals. It was concluded that ongoing training is essential for teachers to adapt to the specificities of each student and for the educational environment to be truly inclusive. By integrating the best pedagogical practices and adapting resources according to the student's profile, it is possible to improve the teaching-learning process and offer a quality education that values the individuality and potential of deafblind students.

KEYWORDS: Deafblindness. SEA. Inclusive approach.

1. Introdução

A surdocegueira é uma condição que apresenta desafios importantes para a inclusão educacional, uma vez que envolve a combinação da perda total ou parcial dos sentidos da audição e da visão (Cader-Nascimento, 2012). Essa condição exige uma abordagem educacional diferenciada, que considere as especificidades de cada estudante e promova sua participação ativa no ambiente escolar. Nesse contexto, o Atendimento Educacional Especializado (AEE) desempenha um papel fundamental, oferecendo suporte e recursos adaptados para atender às necessidades dos estudantes surdocegos.

A Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) - Surdocegueira, como espaço destinado a atender essas demandas, é revelada essencial para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas que possibilitem a comunicação eficaz, o aprendizado e a interação social dos estudantes. Nesse ambiente, os professores têm a oportunidade de implementar metodologias inclusivas, utilizar diversos tipos de comunicação, tecnologias assistivas e adaptar materiais didáticos, promovendo um ensino que respeite e valorize a singularidade de cada estudante com surdocegueira.

Assim, esta pesquisa busca responder, com base na teoria Histórico-Cultural, quais fatores são relevantes para o ensino inclusivo de estudantes surdocegos na visão de professores da Sala de Recursos Multifuncionais?

Para investigar os desafios e estratégias de ensino para estudantes com surdocegueira, a pesquisa qualitativa se mostra essencial, proporcionando uma compreensão profunda e contextualizada do fenômeno educacional. Optamos por pesquisa bibliográfica e de campo, de natureza qualitativa, descritiva e exploratória. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com quatro professores bilíngues que atendem estudantes surdocegos no AEE.

Neste artigo³ abordamos, inicialmente, aspectos gerais sobre o conceito da surdocegueira e a importância da inclusão de estudantes surdocegos no contexto educacional. Apresentamos o papel do professor do Atendimento Educacional Especializado e as práticas que promovam um aprendizado significativo. Para isso, discutimos as estratégias utilizadas para a promoção da comunicação, para o desenvolvimento de habilidades motoras e cognitivas, bem como, a relevância da colaboração entre educadores, famílias e profissionais de apoio. Em seguida, a metodologia é abordada e, por fim, tecemos as discussões e análises destacando a necessidade de um compromisso coletivo para garantir

³ Este artigo é fruto da dissertação de mestrado intitulada “...”, que tem por base a dissertação intitulada “A Inclusão Escolar de estudantes surdocegos na perspectiva de professores do Atendimento Educacional Especializado”.

que todos os estudantes surdocegos, independentemente de suas especificidades, tenham acesso à educação de qualidade e possam desenvolver plenamente suas potencialidades em sua trajetória escolar.

2. Sobre a surdocegueira

O termo de surdocegueira é uma condição na qual uma pessoa apresenta concomitantemente deficiência visual e deficiência auditiva em diferentes graus, quando combinadas de perda da audição e da visão, resultam em desafios significativos de comunicação, acesso à informação e locomoção, portanto, “[...] iniciou-se a ampliação dos olhares e reflexões acerca dessa deficiência. Houve uma fase de discussões sobre conceitos, fundamentos teóricos e individualidades do surdocego; [...]” (Vilela, 2020, p. 48). De acordo com Batista (2021, p. 39) “[...] A palavra sem hífen indica uma condição única e diferente, sendo o impacto da perda dupla, multiplicativo e não aditivo, enquanto o termo hifenizado indica uma condição que somaria as dificuldades da surdez e da cegueira”.

Maia (2004, p. 5) faz um recorte histórico sobre o termo de surdocegueira e explica:

Desde que surgiu o primeiro atendimento ao surdocego por volta de 1.800, conforme apresentação feita no Curso da Centrau (Centro de Reabilitação da Audição do Paraná) em 1996, por profissionais da Sense Internacional - Inglaterra, as seguintes denominações foram usadas: Dificuldade de Aprendizagem Profunda e Múltipla (DAPM), Múltipla Deficiência Severa, Surda com Múltipla Deficiência, Cego com Deficiência Adicional, Múltipla Privação Sensorial (MPS), Dupla Deficiência Sensorial e finalmente surdocegueira. A aceitação do termo surdocego e surdocegueira sem hífen em 1991 foi proposta por Salvatore Lagati que defendeu na IX Conferência Mundial de Örebro - Suécia, a necessidade do reconhecimento da surdocegueira como deficiência única.

A definição de surdocegueira também é apresentada pelo Grupo Brasil:

Surdocegueira é uma deficiência única que apresenta perdas auditiva e visual concomitantemente, em diferentes graus, o que pode limitar a atividade da pessoa com surdocegueira e restringir sua participação em situações do cotidiano, cabendo à sociedade garantir-lhe diferentes formas de comunicação e Tecnologia Assistiva para que ela possa interagir com o meio social e o meio ambiente promovendo: acessibilidade, mobilidade urbana e uma vida social com qualidade (Grupo Brasil, 2017, s.p).

Os sujeitos surdocegos podem ter uma variedade de níveis de perda de visão e de audição, o que leva a uma combinação única de dois sentidos sensoriais, por isso, possuem características próprias e singulares.

Existem diferentes causas para a surdocegueira, que podem incluir condições genéticas, síndromes congênitas, doenças adquiridas ou lesões durante o desenvolvimento. Além disso, a surdocegueira pode ser classificada em diferentes tipos, dependendo dos graus da perda sensorial em ambas as modalidades (visual e auditiva).

Conforme Cader-Nascimento (2012) há tipos de surdocegueira relacionados aos graus de comprometimento, são eles:

- a. Surdez moderada associada à cegueira (congenita e adquirida);
- b. Surdez moderada associada à baixa visão (congenita e adquirida);
- c. Surdez severa associada à cegueira (congenita ou adquirida);
- d. Surdez severa associada à baixa visão (congenita e adquirida);
- e. Surdez profunda associada à cegueira (congenita ou adquirida);
- f. Surdez profunda, cegueira e deficiência física (congenita ou adquirida).

(Cader-Nascimento, 2012, p. 148-149).

É importante destacar que a surdocegueira não implica apenas na soma das limitações da surdez e cegueira, mas resulta em desafios únicos e complexos que exigem abordagens educacionais e de suporte específicas. Os sujeitos com surdocegueira, frequentemente, dependem de métodos alternativos de comunicação, como a Língua de Sinais Tátil, Sinais Táteis, Comunicação Háptica, Tadoma, Braille Tátil ou uso de tecnologias assistivas (Cambruzzi; Costa, 2016; Vilela, 2020).

É importante entender que a palavra “surdocegueira” se refere a uma condição complexa, e não é uma tarefa fácil abordar suas necessidades. No entanto, é essencial atender a esses indivíduos com atenção, focando em suas potencialidades, no processo de aprendizagem, na comunicação específica e em outros aspectos importantes. Por isso, devemos compreender e implementar uma abordagem inclusiva que atenda às especificidades de cada pessoa com surdocegueira.

Falkoski e Maia (2020) explicam como ocorre a surdocegueira:

É importante destacar que hoje não há um CID para surdocegueira o que por vezes dificulta a compreensão da deficiência. Muitas pessoas que possuem síndromes ou doenças raras não se identificam como sendo pessoas com a surdocegueira, mas sim com a síndrome. Por exemplo, no caso da Síndrome de CHARGE, poucas famílias e pessoas reconhecem que essa síndrome é uma das que compõe a surdocegueira, em razão das perdas que a pessoa tem e que envolvem em alguma medida visão e audição. Ou no caso da Síndrome de Usher, em seguida será explicada, que também nem sempre é reconhecida como sendo de pessoas com surdocegueira, a pessoa possui dificuldade de visão e audição, mas não assumiu a identidade da surdocegueira, muitas vezes por não compreender a deficiência. (Falkoski; Maia, 2020, p. 43)

No caso da Síndrome de Usher, o estudante com surdocegueira tem retinose pigmentar, que:

[...] faz parte de um grupo de doenças degenerativas que afetam a retina e provocam desordens visuais. Os sintomas da retinose pigmentar que se manifestam são: i) cegueira noturna, que é a dificuldade para adaptar-se à luz brilhante e às mudanças rápidas de luz; ii) a perda da visão periférica – visão tubular –, na qual as pessoas conseguem ver somente objetos que estejam à sua frente; e iii) a perda da visão central – decorrente da degeneração da retina, impedindo o indivíduo de ver detalhes, ainda que estejam à sua frente. Apresentam enormes dificuldades para ler impressos. (Cambruzzi; Costa, 2016, p. 20)

Como apontado pelos autores indicados anteriormente, a surdocegueira não implica necessariamente a perda total de audição e visão, podendo variar entre diferentes classificações, como: surdez e cegueira total; surdez total e baixa visão; surdez moderada e cegueira total; ou surdez

moderada e baixa visão, entre outros. Essas classificações da surdocegueira são essenciais para orientar a seleção de recursos pedagógicos adaptados e serviços especializados, garantindo melhores condições de acessibilidade aos estudantes surdocegos. Ao entender as diferentes combinações sensoriais, os profissionais da Educação Especial podem desenvolver estratégias de ensino mais práticas, utilizando os tipos de comunicação, tecnologias assistivas e adaptações adequadas às necessidades individuais, promovendo, assim, um ambiente inclusivo e acessível. Essas classificações ajudam os profissionais da Educação Especial a identificar as necessidades específicas de cada estudante com surdocegueira e a aplicar estratégias de ensino adequadas a cada situação sensorial.

As formas de ensino para as pessoas surdocegas podem variar de acordo com suas necessidades individuais. O atendimento educacional especializado, a intervenção precoce e o acesso a serviços de ensino intencional desempenham papéis cruciais na promoção do desenvolvimento e da qualidade de vida dessas pessoas. Assim, é preciso entender a Sala de Recursos Multifuncionais - Surdocegueira, como essencial para adotar abordagens inclusivas que atendam às necessidades específicas dos estudantes com surdocegueira.

3. Abordagem inclusiva na Sala de Recursos Multifuncionais

A abordagem inclusiva para estudante com surdocegueira se refere a um conjunto de práticas educacionais e estratégias pedagógicas projetadas para garantir seu acesso equitativo à educação, desenvolvimento pessoal e integração social. Trata-se de atender as necessidades únicas desses estudantes, que enfrentam desafios sensoriais significativos devido à combinação de deficiência visual e auditiva, e busca criar um ambiente educacional que atenda a essas necessidades de maneira abrangente.

Mantoan (2003) enfatiza que a inclusão envolve tornar o ambiente de aprendizagem acessível para atender às necessidades específicas dos estudantes com deficiências, garantindo seu pleno desenvolvimento. Segundo a autora, “a escola inclusiva é aquela que, ao receber um estudante com deficiência, organiza-se de maneira a possibilitar a todos os alunos as mesmas oportunidades de aprendizagem, ajustando-se conforme suas necessidades” (Mantoan, 2003, p. 67).

Já Vigotski (1997), precursor da teoria Histórico-Cultural, destacou a importância das interações sociais no processo de desenvolvimento, mesmo em situações de deficiência sensorial severa/profunda, como a surdocegueira. Ele afirma que “o desenvolvimento de uma criança com deficiência deve ser mediado por disciplinas educacionais que levem em conta suas necessidades específicas, sempre promovam sua autonomia” (Vigotski, 1997, p. 105).

Essas abordagens enfatizam a importância de um processo de ensino para promover a inclusão, com foco em estratégias de comunicação, materiais didáticos acessíveis e apoio contínuo aos profissionais envolvidos.

Sobre a Educação Inclusiva, Oliveira (2012, p. 95) salienta que:

[...] a escola inclusiva deve atender às necessidades de “todos” e quaisquer alunos, nessa escola, as atitudes enfatizam uma postura não só dos educadores, mas de todo o sistema educacional. Uma instituição educacional com orientação inclusiva é aquela que se preocupa com a modificação da estrutura, do funcionamento e da resposta educativa que se deve dar a todas as diferenças individuais, inclusive às associadas a alguma deficiência em qualquer instituição de ensino, e em todos os níveis de ensino.

Complementando com Alencar e Pantoja (2024, p. 361)

Considerando que a escola deve ser um lugar de inclusão social, tendo como objetivo propiciar e garantir com responsabilidade o acompanhamento do aluno especial, destaca-se, como foco principal deste trabalho, a pessoa com surdocegueira congênita e deficiência múltipla sensorial, com o intuito de que a escola deve favorecer uma maior ampliação do conhecimento para esse aluno, levando em conta o meio em que vive e suas relações interpessoais, através de diferentes trabalhos e estratégias sistematizadas que o beneficie e destaque suas potencialidades.

Portanto, algumas características principais da abordagem inclusiva para estudantes com surdocegueira incluem comunicação, acesso à tecnologia assistiva, apoio individualizado, trabalho colaborativo e ambiente de aprendizagem acessível. É importante atender à demanda dos estudantes com surdocegueira na Sala de Recursos Multifuncionais – Surdocegueira, assegurando a presença de profissionais com formação em Educação Especial capacitados para atender às especificidades desses estudantes.

Dessa maneira, os professores da Sala de Recursos Multifuncionais precisam reconhecer o processo de desenvolvimento de cada estudante com surdocegueira, pois cada um tem necessidades e características específicas. É importante entender a situação e o histórico desse estudante com surdocegueira. Além disso, o trabalho adaptado e as comunicações acessíveis devem ser planejados cuidadosamente para atender às necessidades do estudante com surdocegueira. Acerca da aprendizagem e do desenvolvimento do estudante com deficiência, com base na teoria Histórico-Cultural, Góes afirma:

O desenvolvimento da criança com deficiência é, ao mesmo tempo, igual e diferente ao da criança normal. As leis de desenvolvimento são as mesmas, assim como as metas educacionais. Por outro lado, para se desenvolver e se educar, ela precisa de certas condições peculiares [...]. Logo, caminhos alternativos e recursos especiais não são peças conceituais secundárias na compreensão desse desenvolvimento. (Góes, 2002, p. 105-106)

Os professores devem considerar o uso de diversos tipos de comunicação para atender às necessidades dos estudantes com surdocegueira. Entre as opções, destaca-se a comunicação tátil, que pode incluir o Braille e a Língua de Sinais Tátil, Comunicação Háptica e entre outros, permitindo que o estudante com surdocegueira se comunique por meio do toque. Também é importante o uso de Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA), que pode envolver dispositivos eletrônicos ou pranchas de comunicação. Os recursos visuais e auditivos, conforme com o estudo de Alencar e

Pantoja (2024, p. 362) “é extremamente importante que os recursos didáticos utilizados com esse público, possuam estímulos visuais e táteis, com o objetivo de atendê-los nas mesmas condições visuais que as demais pessoas”. O método de comunicação utilizado para o ensino de pessoas com surdocegueira não deve ser padrão, ou seja, o mesmo para todas, pois cada uma tem sua especificidade para estudante com surdocegueira.

Criar um ambiente de aprendizagem acessível e seguro é fundamental para promover a inclusão, autonomia e desenvolvimento dos estudantes com surdocegueira, garantindo que tenham acesso pleno e igualitário à educação e às oportunidades de crescimento pessoal. Uma abordagem inclusiva eficaz para estudante com surdocegueira requer um comprometimento constante com a individualização, a colaboração e a inovação, assegurando que cada estudante tenha as ferramentas e o suporte necessários para alcançar seu pleno potencial.

Bondezan (2004), baseada nos escritos de Vigotski, explica que,

[...] no âmbito das relações sociais, a linguagem, em seus diferentes tipos – gestual, fisionômica, oral e escrita – é o principal fator por intermédio do qual o conteúdo e as formas de pensamento socialmente dadas podem ser apropriados pelo sujeito, estabelecendo-se no plano individual. (Bondezan, 2004, p. 19-20)

Vigotski (2022) argumentava que o desenvolvimento humano é profundamente influenciado pelo ambiente social e cultural, e que a interação social é fundamental para o aprendizado. Ele enfatizou que, mesmo na presença de deficiências múltiplas sensoriais (auditiva e visual), como a surdocegueira, o desenvolvimento cognitivo e a aprendizagem são possíveis por meio de método de ensino apropriado e do uso de ferramentas culturais. Destacou a importância das ferramentas culturais e dos signos (como a linguagem) no desenvolvimento cognitivo. Para sujeitos com surdocegueira, essas ferramentas precisam ser adaptadas para incluir métodos de comunicação alternativos, como o Braille, a Língua de Sinais Táteis, a Comunicação Háptica e entre outros.

Vigotski (2022) oferece valiosos ensinamentos para professores que trabalham com estudantes com surdocegueira, focando na importância do ambiente social, da mediação cultural e do apoio adequado para promover o desenvolvimento cognitivo e a aprendizagem. Nesta perspectiva destaca-se o trabalho do professor de apoio:

O trabalho pedagógico do professor de apoio é finito, pois este vive a busca constante para garantir meios que ajudem a desenvolverem ensino de qualidade e de melhor aprendizagem para seu aluno, e é no cotidiano e no acompanhamento que aos poucos vai descobrindo novas técnicas e novas formas de ensino que possam aprimorar e desenvolver de maneira mais necessária o processo de aquisição da linguagem e da comunicação do indivíduo que precisa de um meio mais alternativo para se comunicar. A primeira ação desse profissional é o de encorajar e trabalhar a autonomia desse aluno, respeitando e mantendo sempre a individualidade pessoal e assim aos poucos ir criando uma ligação mais próximas com ele. (Alencar; Pantoja, 2024, p. 362)

Para o professor de estudante com surdocegueira, em sala comum e no Atendimento Educacional Especializado, adotar uma abordagem inclusiva é essencial, garantindo que cada estudante possa alcançar seu pleno potencial. Para isso, é preciso reconhecer a importância da interação social, da mediação cultural e do uso de diversos tipos de comunicação e de tecnologias assistivas para promover um ambiente de aprendizagem acessível e acolhedor. O planejamento de atividades adaptadas, das comunicações multissensoriais e o suporte individualizado, colaborando com especialistas para atender às necessidades específicas de cada estudante com surdocegueira devem acontecer na escola. A criação de um ambiente inclusivo permitirá que os estudantes desenvolvam suas potencialidades, autonomia e participação ativa na vida escolar.

A função do professor do Atendimento Educacional Especializado – AEE na Sala de Recursos Multifuncionais – Surdocegueira, de acordo com a Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009, que institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica na modalidade Educação Especial, é:

- I – Identificar, elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos, de acessibilidade e estratégias considerando as necessidades específicas dos alunos público-alvo da Educação Especial;
- II – Elaborar e executar plano de Atendimento Educacional Especializado, avaliando a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade;
- III – Organizar o tipo e o número de atendimentos aos alunos na sala de recursos multifuncionais;
- IV – Acompanhar a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade na sala de aula comum do ensino regular, bem como em outros ambientes da escola;
- V – Estabelecer parcerias com as áreas intersetoriais na elaboração de estratégias e na disponibilização de recursos de acessibilidade;
- VI – Orientar professores e famílias sobre os recursos pedagógicos e de acessibilidade utilizados pelo aluno;
- VII – Ensinar e usar a tecnologia assistiva de forma a ampliar habilidades funcionais dos alunos, promovendo autonomia e participação;
- VIII – Estabelecer articulação com os professores da sala de aula comum, visando à disponibilização dos serviços, dos recursos pedagógicos e de acessibilidade e das estratégias que promovem a participação dos alunos nas atividades escolares. (BRASIL, 2009, p. 5).

O papel do professor do AEE na Sala de Recursos Multifuncionais – Surdocegueira traz uma reflexão sobre seu trabalho em sala de aula. É importante conhecer bem o estudante com surdocegueira, incluindo avaliação biopsicossocial, histórico, tipos de comunicação e adequação dos materiais adaptados e acessíveis. Cabe destacar que a “A avaliação da deficiência, quando necessária, será biopsicossocial, realizada por equipe multiprofissional e interdisciplinar e considerará: I – Os impedimentos nas funções e nas estruturas do corpo; II – Os fatores socioambientais, psicológicos e pessoais; III – a limitação do desempenho de atividades; e IV – A restrição de participação” (Brasil, 2015, art 2, §1º).

Para realizar um trabalho eficaz, os professores do AEE devem criar um ambiente de aprendizagem inclusivo, no qual o estudante possa explorar e desenvolver suas potencialidades. Isso inclui a utilização da comunicação como: Libras Tátil, Libras tátil em campo visual reduzido, Comunicação Háptica, Alfabeto Datilológico Tátil, Braille, Escrita Ampliada, Tadoma e Fala Ampliada, e a adaptação de materiais didáticos para garantir que sejam acessíveis e compreensíveis. Os professores do AEE também devem se engajar em um processo contínuo de formação continuada, que deveria ser disponibilizado pelos Secretarias de Educação, e desenvolvimento profissional para se manterem atualizados sobre as melhores práticas na educação de estudantes surdocegos.

Um aluno com surdocegueira precisa conquistar sua independência, aprender normas de convívio social, morais e científicas, saberes fundamentais para qualquer cidadão. Pensadas para atender a uma parcela da população com características semelhantes, as formas de transferência de conhecimentos precisam de uma interface capaz de usar seus olhos e ouvidos como instrumentos a favor do deficiente. Que seja capaz de transferir a este aluno, em forma de sinais, as informações que não podem ser capturadas por estes, sobretudo no ambiente escolar. Um aluno deve ser tratado como aluno, suas características físicas não podem impor restrições a sua inserção e integração no ambiente escolar. Cabe à escola disponibilizar os recursos didáticos necessários para apoiar o aluno deficiente, os outros alunos que compartilham do mesmo espaço e o professor. Este último, já imerso em uma série de demandas, entre estas o acompanhamento de inúmeros alunos e, em alguns casos, por falta de formação adequada, se vê incapaz de lidar com o aluno com surdocegueira. (Carvalho; Maior, 2024, p. 431)

Além do aspecto educacional, o professor do AEE desempenha um papel crucial na construção de uma rede de apoio que envolve outros profissionais, tais como professor da sala comum, instrutor mediador⁴. Essa colaboração é essencial para oferecer um suporte abrangente e individualizado, atendendo às necessidades específicas de cada estudante. Ao promover a autonomia, a comunicação eficaz e a participação ativa na vida escolar, os professores do AEE contribuem significativamente para o desenvolvimento e a inclusão dos estudantes surdocegos na sociedade.

O professor do AEE e os demais professores que atendem o estudante, precisam ser capazes de desenvolver e utilizar materiais adequados, escolhidos conforme as necessidades do estudante. Além disso, o profissional da Educação Especial deve acreditar em seu próprio potencial, mantendo uma postura otimista, bom humor e equilíbrio emocional. Outras qualidades essenciais incluem a capacidade de observação e escuta, criatividade, paciência e persistência. Os professores devem possuir um conhecimento profundo e completo sobre a surdocegueira, garantindo um atendimento educacional eficaz e inclusivo.

O trabalho do professor da AEE requer planejamento, organização, conhecimento e, principalmente, dedicação. Essa dedicação não deve vir apenas de profissionais que atuam diretamente

⁴ O instrutor mediador é aquele que “[...] faz a mediação entre a pessoa que é surdocega e o seu meio ambiente para capacitá-la a se comunicar com o mesmo e efetivamente receber informações não distorcidas do mundo a seu redor” (GRUPO BRASIL, 2003, p. 42).

nessa área necessária, mas de todas as pessoas envolvidas no processo educacional. Cada estudante, por ser único e ter um histórico de vida diferente, exige do professor resiliência, estratégias específicas e posturas adaptadas às necessidades do estudante com surdocegueira.

3. Metodologia da pesquisa

Esta pesquisa possui abordagem descritiva e qualitativa. O caráter descritivo permitiu delinear detalhadamente as experiências dos professores do AEE, as adaptações feitas no ambiente escolar e suas percepções referentes a inclusão escolar dos alunos surdocegos.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com quatro professores de AEE que atuam diretamente com alunos com surdocegueira no estado do Paraná. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética, Parecer nº 5.262.884 e, para manter o sigilo dos participantes, são indicados como Professor A, B, C e D. Nas entrevistas abordamos estratégias de ensino, tipos de comunicação utilizados, adaptação de materiais didáticos, o trabalho colaborativo e a formação de professores.

Lüdke e André (1986) destacam que uma pesquisa descritiva, dentro da abordagem qualitativa, tem como objetivo principal descrever as características de determinada população ou preferências, sem manipulá-los. Nesse contexto, as entrevistas semiestruturadas são métodos frequentemente utilizados para coletar dados ricos em detalhes e informações, proporcionando uma visão holística das práticas pedagógicas e das interações no ambiente escolar inclusivo. De acordo com Severino (2016, p. 129) “[...] os discursos podem ser aqueles já dados nas diferentes formas de comunicação e interlocução bem como aqueles obtidos a partir de perguntas, via entrevistas e depoimentos”.

A análise de conteúdo, foi o método de análise escolhido. Conforme descrita por Bardin (2011) é uma técnica essencial para interpretar dados qualitativos, organizando-os em categorias temáticas que permitem identificar padrões e tendências. A partir dessa análise, é possível obter uma compreensão mais profunda dos desafios e estratégias utilizadas pelos professores de AEE ao trabalhar com estudantes surdocegos, contribuindo para a melhoria das práticas inclusivas na educação.

4. Resultados e discussão

Diante da relevância do professor da SRM, foram realizadas entrevistas com quatro profissionais que atuam com estudantes com surdocegueira no estado do Paraná. Os professores A, C e D são surdos e cursaram Letras Libras. O professor B é ouvinte e possui formação em Pedagogia e Proficiência em Libras.

Os dados foram organizados nas categorias temáticas, a saber, a mediação do professor (metodologias e adaptações); o trabalho colaborativo (relação entre professor da sala comum, da SRM e professor de apoio); e a formação continuada dos professores. Os participantes da pesquisa foram professores de AEE com experiência no atendimento a estudantes surdocegos. Esses profissionais realizaram relatos detalhados de suas experiências, proporcionando uma visão rica e variada sobre as diferentes abordagens e desafios encontrados no contexto da educação inclusiva.

Sobre a mediação os professores destacaram a importância de desenvolver um ambiente inclusivo e acolhedor, com estratégias pedagógicas personalizadas e tipos de comunicações utilizado pelo estudante com surdocegueira. Eles enfatizaram a necessidade de uma mediação eficaz e multissensorial, adaptando materiais didáticos e criando um ambiente acessível. Nesse contexto, “[...] o professor, na escola, é a ponte – o mediador – entre o conhecimento acumulado e o aluno na ação educativa, permitindo ao aluno apresentar saltos na aprendizagem e no desenvolvimento à medida que é desafiado a algo novo” (Cambruzzi; Costa, 2016, p. 40).

Os resultados da pesquisa sobre surdocegueira revelam a complexidade das necessidades dos estudantes que apresentam essa condição e o impacto que uma abordagem inclusiva pode ter em seu desenvolvimento educacional.

Cabe destacar que a surdocegueira, conforme planejado por Maia (2004), não é simplesmente uma combinação de surdez e cegueira, mas uma condição que traz desafios específicos para o acesso à informação e à comunicação e esta realidade foi muito destacada pelos professores participantes.

Os professores esclareceram que os estudantes com surdocegueira atendidos, ao serem matriculados na Sala de Recursos Multifuncionais, apresentam uma avaliação biopsicossocial, que descreve suas especificidades relacionadas à surdocegueira. Esse documento é essencial para que os professores do AEE possam compreender melhor as necessidades individuais de cada estudantes e, assim, planejar as práticas pedagógicas de forma adequada.

O Professor A explicou que o estudante com surdocegueira nasceu com surdez profunda e perdeu a visão subsequentemente, sendo que, no momento da entrevista, estava frequentando a SRM - Surdez. Os Professores B e C, que trabalham juntos na mesma SRM, relataram que o estudante com surdocegueira nasceu com surdez profunda e, posteriormente, houve alteração visual com perda progressiva devido à retinose pigmentar, depois dos 20 anos. Em 2020, frequentou a SRM - Surdez. O Professor D explicou que o estudante com surdocegueira nasceu com visão e audição normais e que, posteriormente, teve perda auditiva e visual, frequentando, desse modo, o atendimento ofertado pelo Centro de Apoio aos Surdos e aos profissionais da Educação de Surdos (CAS).

Os diferentes níveis de perda auditiva e visual são importantes para um entendimento aprofundado por parte dos professores sobre como utilizar métodos de ensino diferenciados que atendem às características individuais de cada estudante.

No contexto da Abordagem Inclusiva na Sala de Recursos Multifuncionais para alunos com surdocegueira, a pesquisa indicou que a inclusão depende fortemente da adaptação de materiais pedagógicos e do uso dos diversos tipos de comunicação e das tecnologias assistivas. A utilização de formas de comunicação, tais como: Libras, Libras tátil, Comunicação Háptica, Libras em Campo Visual Reduzido, Alfabeto Datilológico Tátil, Alfabeto Tátil com Duas Mãos, Braille Manual, Finger Braille, Braille, Braille Tátil, Sistema Lorm, Sistema Malossi, Escrita Ampliada, Alfabeto de Escrita na Palma da Mão, Uso do Dedo como Lápis, Tadoma e Fala Ampliada. A comunicação aumentativa e alternativa (CAA), e recursos táteis são essenciais para garantir a acessibilidade no processo de ensino aprendizagem.

Além disso, os tipos de comunicação não seguem um padrão fixo, podendo ser escolhidos pelo próprio estudante com surdocegueira conforme a forma que melhor possibilite sua comunicação com o professor. Dessa forma, os professores da AEE devem dominar diferentes tipos de comunicação, possibilitando uma interação eficaz com os estudantes com surdocegueira durante as atividades em sala de aula.

Podemos observar nas falas dos professores que tipos de comunicação utilizam em sala de aula: Libras em campo visual reduzido (Professor A); Libras, Libras Tátil (quando for necessário) e Escrita Ampliada (Professor B); Libras em Campo Visual Reduzido, Libras Tátil, Alfabeto Manual Tátil e Escrita Ampliada (Professor C); Libras Tátil e Fala Ampliada (Professor D).

Os professores disseram que é preciso conhecer os tipos de comunicação utilizados pelos estudantes com surdocegueira, além de compreender seu histórico, o que possibilita desenvolver materiais adaptados adequados para cada caso. Esse conhecimento permite que os professores compartilhem suas experiências com outros educadores que possam vir a atender estudantes com surdocegueira, enriquecendo a prática pedagógica e garantindo a continuidade dos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula. Dessa forma, a troca de experiências contribui para o aprimoramento das estratégias inclusivas e o fortalecimento do ambiente educativo.

Além disso, o ambiente de Sala de Recursos Multifuncionais - Surdocegueira, projetado para atender às necessidades específicas dos estudantes com surdocegueira, mostrou-se um espaço fundamental para o desenvolvimento de habilidades de comunicação e autonomia. A abordagem inclusiva na SRM, segundo Mantoan (2003), deve ser flexível e adaptável, permitindo que cada estudante com surdocegueira possa ter um plano de ensino personalizado que atenda às suas necessidades educacionais.

Para o planejamento e uso de metodologias específicas, é essencial conhecer profundamente o estudante com surdocegueira, compreender como ele processa e aprende o conteúdo, e identificar quais recursos pedagógicos devem ser utilizados. Cada estudante com surdocegueira tem necessidades particulares, e o professor do AEE deve fazer uma avaliação criteriosa para planejar as aulas e utilizar metodologias que atendam ao perfil do estudante. Não existe uma norma ou fórmula única para essa abordagem, pois o processo de ensino aprendizagem depende de fatores como o grau de perda sensorial, a experiência educacional anterior e as capacidades de comunicação. Essa avaliação individualizada é fundamental para garantir a eficácia das metodologias aplicadas, permitindo que o estudante com surdocegueira tenha pleno acesso ao conteúdo e participe ativamente do processo educativo.

A mediação em sala de aula, exige definição clara dos objetivos educacionais, a escolha de metodologias adequadas, o uso de materiais didáticos adaptados e a implementação de avaliações com vista ao desenvolvimento máximo das potencialidades do estudante com surdocegueira. É crucial que o professor do AEE, em colaboração com a equipe escolar, monitore continuamente o progresso do estudante, ajustando estratégias conforme necessário para garantir um aprendizado significativo. Fica claro que “Se não houver uma educação voltada para o ensino desse processo de

aprendizagem, o surdocego não consegue sozinho criar estratégias para entrar em interação com o objeto do conhecimento” (Cader- Nascimento, 2021, p. 91).

Os professores participantes mencionam metodologias utilizadas e materiais em sala de aula: Materiais didáticos com adaptação para estudantes com surdocegueira, por exemplo, cor, estratégia para usar cor e letras, imagem ampliada e letras ampliadas (Professor A); apostilas ampliadas, vídeos ampliados e uso de canetas pretas (Professor B); impressos e letras ampliadas e objetos concretos de referência (Professor C).

Geralmente, os professores utilizam materiais didáticos para facilitar o aprendizado dos estudantes com surdocegueira. Estes materiais, muitas vezes, precisaram ser confeccionados pelo próprio professor, atendendo às especificidades de aprendizagem de cada estudante. Segundo Meshcheryakov (1974) novas formas de atividade que podem surgir precisam ser disponibilizadas para os estudantes com surdocegueira, e a necessidade de ensiná-las é fundamentada na adequação dos materiais às necessidades específicas desses estudantes.

O planejamento educacional individualizado, aliado à adaptação contínua de materiais e métodos de ensino, é essencial para atender às demandas do estudante com surdocegueira. O professor do AEE deve, portanto, ser flexível, criativo e resiliente, participante como facilitador para que o estudante possa se integrar ao ambiente escolar de maneira eficaz e significativa. “[...] uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processo de desenvolvimento e esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem” (Vigotski, 2006, p. 115).

Para finalizar as entrevistas revelaram diversas nuances e desafios que envolvem a prática pedagógica inclusiva. As entrevistas mostraram que os professores enfrentam uma série de barreiras, tanto estruturais quanto metodológicas, mas, ao mesmo tempo, desenvolvem estratégias criativas para atender às necessidades dos estudantes surdocegos.

Um dos principais pontos observados foi a variedade de métodos de comunicação utilizados pelos professores e estudantes com surdocegueira. A escolha da estratégia depende não apenas das limitações sensoriais do estudante, mas também de sua história pessoal e das habilidades adquiridas ao longo de sua trajetória escolar.

O papel do professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Sala de Recursos Multifuncionais – Surdocegueira é fundamental no processo de inclusão escolar. Os professores entrevistados afirmaram que é necessário, também, um trabalho colaborativo com outros profissionais da escola para garantir o sucesso educacional dos estudantes com surdocegueira, sendo esta nossa segunda categoria de análise.

As entrevistas mostraram que o trabalho colaborativo pode contribuir significativamente para ampliar o conhecimento daqueles que não possuem experiência prévia com a surdocegueira, especialmente no atendimento a estudantes surdocegos. A escola precisa apoiar seus profissionais para garantir um atendimento adequado, pois o papel do trabalho colaborativo é promover a troca de informações entre o professor da sala comum e o professor do Atendimento Educacional Especializado

(AEE), a fim de melhorar as metodologias de ensino para o estudante com surdocegueira. Essa colaboração é essencial, especialmente em escolas que estão começando a receber alunos com surdocegueira.

O planejamento pautado no ensino colaborativo possibilita reflexões acerca dos conteúdos a serem trabalhados, das flexibilizações, dos ajustes e das adaptações necessárias, além de direcionar a distribuição de tarefas e de responsabilidades, das formas de avaliação, dos procedimentos para organização da sala de aula, das formas de instrução em sala, da comunicação com a gestão, com os pais; por fim, a elaboração concreta e efetiva do planejamento colaborativo voltado aos alunos do PAEE com necessidades iminentes, mas com perspectivas distantes (Gonçalves, 2022, p. 98).

O trabalho colaborativo envolve a interação entre os professores do ensino comum, o professor do AEE, instrutor-mediador e o guia-intérprete⁵, também, a família, com o objetivo de aprimorar o desenvolvimento da aprendizagem do estudante com surdocegueira e garantir a qualidade da educação. Os professores A, B e C, salientaram acerca da relevância e necessidade de um trabalho colaborativo para o ensino de estudantes com surdocegueira. O professor B e C afirmaram “Aqui no CEEBJA já temos o trabalho colaborativo, troca de experiências, sempre dando o apoio necessário”. No entanto, ainda há entreves para sua realização na escola, como explicou o professor A:

A sala de recurso está satisfeita com meu trabalho colaborativo. Porém, na sala comum, é bem mais difícil, porque os professores têm muitos alunos e, por vezes, esquecem do aluno surdocego, nós os cobramos para que façam adaptações para os alunos surdocegos, por exemplo, utilizem a escrita, imagem e atividades ampliadas, melhorem a adaptação e façam uso das cores diferentes para uma melhor visualização, fiz orientações a eles, mesmo assim, eles esquecem e no momento da avaliação é perceptível a dificuldade. Por isso, nós na sala de recurso fazemos um trabalho colaborativo. A inclusão sempre foi complicada para os alunos surdocegos. O aluno surdocego precisa procurar o professor para tirar as dúvidas, mas não o faz. Nós sempre orientamos o aluno surdocego para lembrar os professores da sala comum. Alguns professores conseguem adaptar as atividades, o resto não se adapta (Professor A).

Percebemos que é fundamental que o trabalho seja realizado com resiliência, a fim de garantir uma colaboração eficaz entre os profissionais e melhorar o atendimento aos estudantes com surdocegueira. Mas também, é preciso a busca por espaços, carga horária para que as trocas e planejamentos colaborativos sejam possíveis no espaço escolar.

Para além do trabalho colaborativo, os professores destacaram a importância da formação contínua em serviço e a necessidade de apoio institucional para que o desenvolvimento de um trabalho específico, atendendo às demandas educacionais e sociais dos estudantes. Neste sentido, esta foi a terceira categoria de análise.

⁵ “O guia-intérprete é um profissional capacitado para realizar o trabalho de interpretação, descrição visual e funções de guia. Para exercer essas atividades é preciso ter conhecimento e domínio nos diferentes sistemas de comunicação e nas diversas técnicas de locomoção, bem como ter habilidades para realizar as adaptações necessárias a cada surdocego em cada situação em particular” (Carillo, 2008, p. 70).

Nas palavras do professor A:

Eu trabalho na sala de recurso, no momento (em horário de trabalho, não tem como. Mas se for fora de horário, tem sim), nós professores de SRM-Surdez sempre procuramos a formação continuada para adquirir informações sobre a área da surdocegueira, para que entendamos o que é surdocegueira, possivelmente realizando metodologias para um melhor desenvolvimento na sala de recursos. A busca de conhecimento e estudo ajuda muito no ato de dar o próximo passo para a adaptação do surdocego. Mas, os professores da sala comum não participam. Nós, professores da SRM orientamos os professores mostrando o processo da aprendizagem, adaptação e os materiais, por isso, eles necessitam participar para ter uma interação sobre surdocegueira, o problema é que a maioria não conhece esta área. Mas, a formação continuada ajudaria muito, muitas vezes, não entendia como era a surdocegueira, e a formação trouxe muito aprendizado.

Os professores, também, apresentaram as formações que receberam da Secretaria Estadual de Educação:

Fiz a formação continuada no passado, foi no ano de 2004, aprendi sobre a área de surdocegueira, como Braille, Comunicação Háptica, contato com os tatos e, também, o alfabeto tátil, agora, tenho aluno surdocego que está aqui na sala de recursos (Professor B). Faz tempo que eu fiz a formação continuada, não me lembro o ano, mas me mostrou as várias formas de comunicação para pessoas com surdocegueira. Agora, como os alunos surdocegos são uma novidade para mim, comecei a aprender sobre, porque o aluno surdocego que frequenta a sala de recurso perde gradativamente a visão (Professor C).

Na verdade, a SEED já realizou uma organização para ofertar a formação continuada, antes era toda sexta feira e terça feira, agora, no momento, toda terça feira é falado sobre a área de surdocegueira, com a parceira CAP e CAS. A preocupação é que alguns professores estão ocupados, e por causa das suas aulas, não existe forma de substituição ou liberação de suas aulas, percebi que poucos professores no Paraná frequentam as aulas pelo Google Meet (Professor D).

Os professores entrevistados destacaram a importância de participar de atividades de formação continuada, especialmente por meio de estudos na área de surdocegueira, que podem contribuir para a prática pedagógica no atendimento aos estudantes. Durante as entrevistas, os professores ressaltaram que é preciso conhecimento sobre materiais adaptados para uso em sala de aula e do compartilhamento de experiências adquiridas no cotidiano escolar. A formação continuada, portanto, permite aprimorar o conhecimento nessa área, oferecendo cursos que aprofundam o tema. Como essa é uma área relativamente nova para muitos educadores, a chegada de estudantes com surdocegueira nas escolas torna essencial que o professor da AEE esteja preparado para atendê-los. Dessa forma, a formação continuada se torna um recurso valioso para o aprimoramento das práticas pedagógicas e para a efetiva inclusão escolar.

Considerações finais

Desta pesquisa destacamos a relevância de um Atendimento Educacional Especializado e inclusivo para estudantes com surdocegueira, enfatizando a necessidade de uma abordagem personalizada e adaptativa que respeite as singularidades de cada estudante. Ouvir professores que trabalham com estudantes com surdocegueira possibilitou uma compreensão das possibilidades e dos desafios para sua inclusão escolar. Os resultados evidenciam que, para promover um ambiente de aprendizagem eficaz, é necessário que os professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE) conheçam profundamente as características, necessidades e potenciais de seus estudantes.

Além disso, a Sala de Recursos Multifuncionais se configura como um espaço vital para a prática pedagógica com estudantes com surdocegueira, permitindo a exploração de diferentes métodos de ensino, recursos tecnológicos e materiais didáticos adaptados. A colaboração entre professores, famílias e outros profissionais da educação é fundamental para garantir que as estratégias de ensino sejam consistentes e eficazes, promovendo a autonomia e a participação ativa dos estudantes no processo educativo.

O atendimento a estudantes com surdocegueira no contexto escolar requer uma abordagem cuidadosa, que vai além de metodologias e recursos adaptados. Envolve uma preparação contínua dos professores e o fortalecimento do trabalho colaborativo entre todos os profissionais da escola. A formação continuada é indispensável para que os educadores adquiram conhecimentos teórico-metodológicos necessários para atender a essa demanda. O desenvolvimento de materiais adaptados, o entendimento das formas de comunicação e o respeito à individualidade do estudante com surdocegueira são fundamentais para promover uma educação inclusiva de qualidade. Ao superar os desafios e investir em práticas inclusivas, a escola contribui para a plena participação dos estudantes com surdocegueira, proporcionando um ambiente de aprendizagem acessível, acolhedor e estimulante para seu desenvolvimento integral.

Referências

ALENCAR, Gislayne de Sousa; PANTOJA, Helianne Cordeiro. Recursos Pedagógicos e de comunicação para pessoa com surdocegueira congênita e deficiência múltipla sensorial. In: FALKOSKI, Fernanda Cristina. *Conhecendo a surdocegueira e a deficiência múltipla sensorial: teoria e prática*. Volume I. São Paulo: Instituto Ahimsa, 2024, pp. 358-368.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BATISTA, Adryana Kleyde Henrique Sales. *Currículo funcional no contexto da surdocegueira*. Curitiba: Appris, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara da Educação Básica. *Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009*. Institui as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Brasília: MEC/CNE/CEB, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf. Acesso em: 17 out. 2024.

BONDEZAN, Andreia Nakamura. *Desenvolvimento da percepção e da atenção: a relevância das relações sócio-educacionais*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2004.

CADER-NASCIMENTO, Fatima Ali Abdalah Abdel. Surdocegueira e os desafios da educação inclusiva. In: ORRU, S. E. (org.). *Estudantes com necessidades especiais: singularidades e desafios na prática pedagógica inclusiva*. Rio de Janeiro: 2012. pp. 147-176.

CADER-NASCIMENTO, F. A. A. A. Surdocegueira e os desafios da escrita. Curitiba: CRV, 2021.

CAMBRUZZI, Rita de Cássia Silveira; COSTA, Maria da Piedade Resende da. *Surdocegueira por Síndrome de Usher: recursos pedagógicos acessíveis*. São Carlos: EdUFSCar, 2016.

CARILLO, E. F. P. *Análise das entrevistas de quatro surdos adquiridos sobre a importância do guia-intérprete no processo de comunicação e mobilidade*. 2008. Dissertação (Mestrado em Distúrbio do Desenvolvimento) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

CARVALHO, Ricardo Sena; MAIOR, Sonia Maria Vila. Complexificação no olhar: contribuição do instrutor mediador. In: FALKOSKI, Fernanda Cristina. *Conhecendo a surdocegueira e a deficiência múltipla sensorial: teoria e prática*. Volume I. São Paulo: Instituto Ahimsa, 2024, pp. 426-439.

FALKOSKI, Fernanda Cristina; MAIA, Shirley Rodrigues. *Surdocegueira congênita: comunicação com o uso de recursos de comunicação alternativa*. Curitiba: CRV, 2020.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. Relações entre Desenvolvimento Humano, Deficiência e Educação: contribuições da abordagem Histórico-Cultural. In: OLIVEIRA, Marta Kohl de; REGO, Teresa Cristina; SOUZA, Denise Trento Rebello de. (org.) *Psicologia, Educação e as Temáticas da Vida Contemporânea*. São Paulo: Moderna, 2002. p. 95-114.

GONÇALVES, Adriana Inocência. *Ensino Colaborativa e formação continuada em serviço: contribuições para prática inclusivas*. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Paraná, Paranaguá, 2022.

GRUPO BRASIL. *Surdocegueira*. Folheto Informativo. São Paulo: Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego e Múltiplo Deficiente, 2003.

GRUPO BRASIL. *Surdocegueira*. São Paulo: Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego e Múltiplo Deficiente, 2017.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MAIA, Shirley Rodrigues. *A educação da pessoa com surdocegueira: diretrizes básicas para as pessoas não especializadas*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2004.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003.

MESHCHERYAKOV, Alexander Ivanovich. *СЛЕПОГЛУХОНЕМЫЕ ДЕТИ: РАЗВИТИЕ ПСИХИКИ В ПРОЦЕССЕ ФОРМИРОВАНИЯ ПОВЕДЕНИЯ*. МОСКВА, 1974. Disponível em: http://sovietpsychology.narod.ru/mescheryakov_oglav.htm. Acesso em: 17 out. 2024.

OLIVEIRA, Fabiana Barros. *Desafios na inclusão dos surdos e o intérprete de Libras*. Revista Diálogos & Saberes, v. 8, n. 1, 2012.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Obras escogidas V: fundamentos de defectología*: tomo v. Madrid: Centro de Publicaciones del M.E.C. y Visor Distribuciones, 1977.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. *Tomo Cinco: Fundamentos de Defectologia*. 2. ed. Cascavel: EDUNIOESTE, 2022.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKI, Lev Semionovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 10. ed. São Paulo: Ícone, 2006. pp. 103-117.

VILELA, Elaine Gomes. *Educação de surdocegos: perspectivas e memórias*. Curitiba: Appris, 2020.